

ARTIGO**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A INCLUSÃO DO PÚBLICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM BIBLIOTECAS¹****MEDIATING INFORMATION AND PUBLIC INCLUSION IN AUTISM SPECTRUM DISORDER IN LIBRARIESABSTRACT****FERNANDA SIDLAINE DA CRUZ SANTOS²****MARTHA SUZANA CABRAL NUNES³****RESUMO**

No presente artigo a mediação da informação do público do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em bibliotecas públicas, é uma temática pouco mencionada, logo ganha relevância, tanto na formação quanto na atividade prática dos bibliotecários nos ambientes informacionais. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo geral identificar os desafios que os profissionais que trabalham na Biblioteca Augusto Cesar Leite do IFS, campus Aracaju, enfrentam ao atenderem o público do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além disso, visa mostrar o uso da mediação da informação no combate às barreiras que o público TEA enfrenta na busca de informação e como o mediador da informação pode agregar no processamento de inclusão desses usuários nas unidades de informação. A metodologia baseou-se em pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, com método estudo de caso. Para o estudo foi utilizada a aplicação do questionário junto aos profissionais da referida biblioteca. Os resultados apontam que há carências na formação específica desses profissionais para lidarem com os estudantes que apresentam o TEA e que eles compreendem a importância da mediação no trabalho com esse público.

Palavras-chave: biblioteca; inclusão do público TEA; mediação da informação; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

In this article the mediation of information for people with Autism Spectrum Disorder (ASD) in public libraries is a topic that is little mentioned, so it is gaining relevance both in the training and in the practical activity of librarians in information environments. With this in mind, the general objective of this article is to identify the difficulties that professionals working at the Augusto Cesar Leite Library of the IFS Aracaju campus face when dealing with people with Autism Spectrum Disorder (ASD). In addition, it aims to show the use of informational mediation to combat the barriers that the ASD public faces in the search for information and how the information mediator can add to the process

1. Trabalho de Conclusão de Curso II, sob orientação da Prof.^a. Dra. Martha Suzana Cabral Nunes, apresentado ao DCI para aprovação na atividade TCC II do Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFS em 03/04/2025.

2. Graduanda do Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFS, fernandasidy4561@gmail.com.

3. Professora Associada do Curso de Biblioteconomia e Documentação, do Departamento de Ciência da Informação da UFS. marthasuzana@academico.ufs.br

of inclusion of the ASD public in the information units. The methodology was based on exploratory research, with a qualitative approach and a case study method. The study was carried out at the Augusto Cesar Leite Library of the IFS, Aracaju campus, and used a questionnaire with library professionals. The results show that there are deficiencies in the specific training of these professionals to treat with students with ASD and that they understand the importance of mediation in working with this audience.

Keywords: library; inclusion of the public with ASD; information mediation; Autism spectrum disorder.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre os desafios enfrentados pelos bibliotecários ao atuarem junto aos usuários com Transtorno Espectro Autista (TEA), quando esses buscam informações em uma unidade de informação. Sabendo disso, a mediação da informação é o fator principal de interligação entre o usuário e o mediador, sendo que o mediador pode ser o condutor em estabelecer o elo entre a leitura e a informação aos usuários de TEA, visando diminuir as dificuldades encontradas por esse público.

A biblioteca é um ambiente de interação de direito humano entre o público do TEA e os demais usuários, um espaço de todos e para todos, sendo um desafio e dever dos mediadores da informação incluírem o público TEA e facilitarem o acesso dele à informação, o que exige qualificação e preparo profissional para atendimento desse público com qualidade. No entanto, a falta de profissionais formados com especialização para atender aos usuários que possuem TEA gera problemas nas unidades de informação, pois com a insuficiência da capacitação e formação dos mediadores da informação, as dificuldades existentes no processo de busca pela informação e conhecimento.

Segundo Sanches e Rio (2010, p. 104), “a interação do bibliotecário com o usuário no processo de aquisição da informação é fundamental [...]. O processo de mediação da informação se constitui pela interação informação/bibliotecário/usuário”. Com base nessa afirmação, pode-se concluir que o mediador é central na informação e no desenvolvimento do acesso à informação e de aquisição do conhecimento que formaliza inicialmente por meio da ação de interação entre o mediador e o usuário.

As unidades de informação são representadas por bibliotecas, arquivos públicos, museus e centros de documentação. Além disso, são organizações sociais sem fins lucrativos cuja característica e função é a prestação de serviços para quaisquer indivíduos. Com base na explicação de Romani e Borszcz (2006), Duarte e Braga (2012, p. 182) afirmam que o conceito sobre a unidade de informação coloca-as como aquelas que “agrupam pessoas e/ou organismos com as mesmas finalidades, onde a troca de informações é feita de maneira organizada e regular, por meio de padronização e compartilhamento de tarefas e recursos”.

Já o Transtorno de Espectro Autista é definido por Araújo (2019, p. 01) como “um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades na comunicação e na interação social, e por comportamento e/ou interesses repetitivos e restritos”. É importante destacar que os indivíduos com TEA possuem uma percepção sensorial aguçada e diferente das demais pessoas (Araújo, 2019).

Nesse contexto, Cola *et al.* (2017) afirmam que essa concepção se constitui por meio de duas vertentes, sendo a primeira nomeada como a hipersensibilidade e a segunda, hipossensibilidade, ressaltando que tais percepções referem-se, respectivamente, à alta e baixa intensificação ou redução na percepção da sensibilidade sensorial do público autista, seja infanto-juvenil, juvenis e até os adultos. Portanto, pode-se concluir que a hipersensibilidade e a hipossensibilidade, são estímulos sensoriais intensos que resultam em sensações de desconforto e dificuldade significativas que os indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente experimentam em seu cotidiano.

As unidades de informação devem ser acolhedoras com todos os indivíduos que as frequentam, entretanto, vale destacar que há inúmeras limitações e falhas referentes ao atendimento e acolhimento para o público que possui TEA, pela falta de qualificação profissional dos mediadores da informação.

Diante disso, questiona-se: quais são os limites e desafios que os profissionais que trabalham na Biblioteca Augusto Cesar Leite, situada no (IFS), enfrentam ao atenderem o público do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na garantia do acesso a informação? E como a mediação da informação e o bibliotecário mediador podem contribuir para a apropriação da informação pelo público do TEA?

O objetivo geral deste estudo é identificar os desafios que os profissionais que trabalham na Biblioteca Augusto Cesar Leite, situada no IFS, campus Aracaju

enfrentam ao atenderem o público do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Já os objetivos específicos são: revisar a literatura da área da Biblioteconomia para identificar estudos voltados à mediação da informação dedicada às pessoas do TEA; identificar as ações de mediação da informação voltadas ao público com TEA que frequenta a biblioteca; caracterizar a ação do bibliotecário mediador diante do público com TEA.

Este trabalho tem o intuito de tornar o público do Transtorno do Espectro Autista incluído em quaisquer unidades de informação, fazendo com que a mediação da informação se torne um agregador ao seu processo de desenvolvimento informacional e à sua busca ao conhecimento.

Por meio da mediação, o bibliotecário deve desmistificar a problemática ao incluir o público do TEA nas unidades informacionais. Diante disso, a concepção partiu, primeiramente, pela busca de ideias e de uma temática que envolvesse inclusão, contudo a busca por materiais bibliográficos que agregassem aos fundamentos para a temática escolhida revelou a pouca existência desse tema na literatura.

A escolha pelo público autista partiu do interesse e curiosidade em destacar uma reflexão aos profissionais bibliotecários por meio de evidências que partiram da concepção em tornar a mediação um espaço de desenvolvimento intelectual para o público do TEA, tornando-a cada vez mais inclusiva. Portanto, acredita-se que a pesquisa servirá como instrumento de análise e autoconhecimento para os bibliotecários e mediadores da informação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico tem como objetivo fornecer uma base sólida para a análise dos dados coletados, apresentando as principais teorias e conceitos que sustentam esta pesquisa. Dessa forma, a revisão da literatura destaca, dentre outros autores, o trabalho de Almeida Júnior (2007, 2008, 2009), o qual aborda temas como: leitura, mediação e apropriação da informação; mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação; mediação da informação e múltiplas linguagens, nos quais o autor discute os principais conceitos de Mediação da Informação.

Portanto, é válido ressaltar que a obra desse autor promoveu contribuições significativas para o entendimento ao tema da mediação da informação, logo suas obras foram analisadas para contextualizar e apoiar os resultados desta

pesquisa. Nas bibliotecas o processo da mediação da informação é realizado pelo bibliotecário, logo o desafio do mediador ao promover a inclusão do público TEA nas unidades de ciência da informação é imenso. Dessa forma, Almeida Júnior (2009, p. 97) afirma que:

A mediação da informação permite e exige concepção de informação q-*e desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Dessa forma, defendemos que o usuário é quem determina a existência ou não da informação. A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação.

Segundo Sanz Casado (1994, p. 19): “[...] todos os seres humanos são usuários de informação, posto que todos necessitaram dela para alguma das múltiplas tarefas que realizamos diariamente”. Portanto, fica evidente que o usuário é de extrema importância para as unidades de informação e o bibliotecário deve atender suas necessidades informacionais e, conseqüentemente, estimular o desenvolvimento de novas ideias por meio das informações e serviços prestados.

O ambiente de análise e pesquisa é representado pelas unidades de informação, que compreendem as bibliotecas em suas diferentes denominações: públicas, escolares, universitárias, comunitárias, especializadas ou prisionais. Assim, convém ressaltar que a unidade de informação escolhida foi a biblioteca escolar, onde o mediador da informação precisa ter conhecimento mais especificamente e minuciosamente sobre o público que a frequenta, por meio de um controle de estudo de usuário, análise de comportamento e desmitificação ao entender quais são as lacunas informacionais encontradas e que não estão sendo agregadas positivamente ao processo de busca pela informação na construção do conhecimento para o público do TEA.

2.1 Mediação da Informação nas unidades de informação

Unidades de informação são um conjunto de organizações sociais representadas por bibliotecas, arquivos, centros de documentação e museus. Nesse contexto, essas unidades realizam o processamento, armazenamento, coleta, análise e a disseminação da informação por meio da mediação da informação. De acordo com Weitzen (1991, p. 16), a unidade de informação “surge como ferramenta que permite aglutinação das informações produzidas nos diversos cantos do mundo, além de possibilitar a rapidez e agilização na recuperação dessas informações”.

Segundo Tarapanoff, Araújo Júnior e Cormier (2000 p. 92):

[...] as unidades de informação (bibliotecas, centros e sistemas de informação e de documentação) foram e são, tradicionalmente, organizações sociais sem fins lucrativos, cuja característica como unidade de negócio é a prestação de serviços, para os indivíduos e a sociedade, de forma tangível (produtos impressos), ou intangível (prestação de serviços personalizados, pessoais, e hoje, cada vez mais, de forma virtual – em linha, pela Internet).

Contudo, é válido ressaltar que, nas bibliotecas, o bibliotecário é o mediador, pois o seu papel principal é possibilitar aos usuários estabelecer o elo entre a informação e o conhecimento por meio de serviços e suportes físicos e digitais, onde o livro é utilizado como fonte secundária. Dessa maneira, a fonte secundária torna a informação já existente organizada, pronta para o processo de disseminação e utilização de forma facilitada. Além disso, é importante destacar que, para que esse objetivo se concretize, o mediador da informação deve tornar o processamento da informação mais acessível e que venha a atender as necessidades do público que busca por informação por meio do oferecimento de recursos informacionais na execução de pesquisas acadêmicas, atendimento especializado e um ambiente adequado.

Assim, a mediação da informação é uma ação que se realiza pela interferência do bibliotecário, pois ele pode agir de forma direta, ao ter o contato verbal, físico e direto com os usuários, ou indireta, quando trabalha no processamento técnico. Portanto, pode-se evidenciar que o bibliotecário deve assumir o papel de mediador e estabelecer uma relação profissional, ética e inclusiva ao se dirigir aos usuários do TEA e deve estar preparado ao se deparar com os desafios e necessidades informacionais que este público TEA apresenta.

Entretanto, segundo Almeida Júnior (2009, p. 91 – 92), “[...] verifica-se que a mediação da informação é um termo que se apresenta amplamente no discurso dos profissionais da informação, mas não nas suas práticas profissionais”.

Em uma sociedade que abrange uma vasta diversidade populacional e cultural, o bibliotecário exerce um papel social essencial nas unidades de informação. Logo, a mediação da informação, juntamente com a interação por meio da leitura, possui a finalidade de desenvolver o papel educativo e informativo da Unidade de Informação. Assim, é importante salientar que, por meio do processo de mediação, objetiva-se que o usuário se aproprie da informação, pois com esta apropriação “[...] pressupõe uma alteração, uma transformação, uma modificação

do conhecimento" (Almeida Júnior, 2007, p. 36).

Ao longo do tempo, os estudos sobre mediação da informação deslocaram a ênfase sobre o atendimento ao usuário para abarcar todo o fazer do profissional da informação. Desse modo, na visão de Almeida Júnior, tem-se a mediação explícita da informação, ocorrendo no Serviço de Referência e Informação, especialmente com a presença do usuário, e a mediação implícita da informação que ocorre:

[...] de maneira não explicitada, na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho do processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e, também no serviço de referência e informação. Presente em todas essas ações, a mediação faria parte do próprio objeto da área de informação. Especificamente, em relação à área de Ciência da Informação, o seu objeto passaria a ser mais a mediação do que a informação (Almeida Júnior, 2008, p. 46).

Além disso, destaca-se que, na biblioteca, o bibliotecário pode oferecer ao público recursos educacionais e tecnológicos atualizados e um ambiente adequado para estudo e oferta de acervos bibliográficos, literários e um atendimento especializado que contribuam na produção do conhecimento, como previsto em leis na LDB - Lei nº 9.394/96. Assim, a mediação é sugerida para contribuir com a inclusão do público com TEA por meio da mediação da informação e da leitura, com a finalidade de estabelecer uma ação inclusiva na biblioteca.

Diante do que foi exposto, Rasteli (2013, p.159) afirma que "[...] nessa sociedade, o papel educativo do bibliotecário torna-se mais evidente, tendo em vista suas competências específicas para atuar como mediador da leitura".

Portanto, pode-se concluir que o papel do mediador da informação é tornar a informação facilitada ao público que possui o TEA e transformar o espaço de pesquisa e estudo em um ambiente acolhedor e inclusivo. Assim, investir em ações como tecnologia acessível por meio de computadores, leituras em roda aberta, entretenimento na execução de palestras e workshop para o público que frequenta a unidade de informação, é fundamental para a inclusão do público com TEA.

2.2 Inclusão do Público do Espectro Autista nas bibliotecas

O termo "Autismo" origina-se da palavra grega autos, cujo significado remete à condição de um ser humano. Com base nessa afirmação, o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (American Psychiatric Association, 2014) diz

que o autismo é caracterizado e ligado ao Transtorno do Neurodesenvolvimento, que pode ser determinado pela dificuldade de comunicação, interação social, comportamental e pelas manifestações de comportamentos repetitivos.

Um dos primeiros indícios de estudos sobre o autismo deu-se por meio da publicação do artigo "*Pensamento Autístico*", no ano de 1913, no qual o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911, teve uma participação significativa em tornar o termo "autismo" reconhecido para a sociedade. Vale ressaltar que, para o psiquiatra Bleuler (1911), uma pessoa que possui um pensamento autístico tem um pensamento caracterizado pelas atividades internas do cérebro que não podem ser controladas pelas condições externas. Resumindo, o pensamento autístico é equivalente à fantasia, ou seja, não é uma verdadeira realidade.

Segundo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2014, p. 31).

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças – 11ª edição (CID-11), a classificação do autismo foi lançada em 2022 com o intuito de categorizá-lo como consta no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Classificação do Autismo

CID 11	CLASSIFICAÇÃO DO AUTISMO
6A02	Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)
6A02.0	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem corporal
6A02.1	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem corporal
6A02.2	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada
6A02.3	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada
6A02.5	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional
6A02.Y	Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado
6A02.Z	Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado

Fonte: Organização Mundial da Saúde (2022).

É válido destacar que existem inúmeras características de identificação do indivíduo que possui o autismo e esse processo inicia-se primeiramente na especificação da condição médica ou genética. Nesse sentido, Santos e Vieira (2017) afirmam que o TEA possui graus diferentes de identificação, onde pode ser classificado como leve, moderado ou grave.

Dessa forma, pode-se concluir que os níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista são avaliados de acordo com a comunicação social e o comportamento repetitivo e restrito do indivíduo. O quadro 2 mostra como são avaliados os níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista.

Quadro 2 - Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamento restrito e competitivo
Nível 3 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou ações.
Nível 2 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência. Sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações
Nível 1 "Exigindo apoio"	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: American Psychiatric Association (2014).

Nas unidades de informação como as bibliotecas, o autista é considerado um usuário e possui o direito de utilizar e usufruir de todos os recursos oferecidos, sejam elas bibliotecas públicas, escolares, universitárias, prisionais, especializadas ou comunitárias. Contudo, convém frisar que o termo "usuário" possui uma certa variação na interpretação, sendo "aquele indivíduo que necessita de informação para o desenvolvimento de suas atividades" (Pinto, 2016, p. 49), pois, de acordo com o autor, todos necessitam da informação para realizarem as atividades diárias.

Conforme destaca Oliveira (2013, p. 21), há várias categorias de usuários:

[...] os usuários reais ou efetivos são os usuários que realmente utilizam o centro de informação para busca do conhecimento enquanto os usuários potenciais ou passivos são aqueles que podem utilizar a biblioteca ou centro de informação e por algum motivo não utilizam, seja por falta de conhecimento, ou seja, por falta

de interesse.

Ademais, o acesso as bibliotecas é um direito de todos e para todos, mas nem sempre é possível devido a falta de informação, ou questões externas, inviabilizando o cumprimento das 5 leis da Biblioteconomia. Assim como, o bibliotecário Shiyali Ramamrita Ranganathan desenvolveu as cinco leis fundamentais para a área da Biblioteconomia, que servem de embasamento a todas as atividades profissionais, tais como: seleção e aquisição; administração de bibliotecas; recuperação de informação; classificação e indexação e o atendimento aos usuários (Campos, 1999).

De acordo com Sousa e Targino (2016, p. 21), as bibliotecas “por conta da diversificação que caracteriza as coletividades, devem primar por acervos variados em consonância com as demandas informacionais, o que requer a execução sistemática de estudos de usuários”.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015) é conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência e foi sancionada em 6 de julho de 2015, com o objetivo de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania. Entretanto, o reconhecimento geral do TEA teve início no ano de 1943, por meio dos estudos do psiquiatra austríaco Leo Kanner, mas só no ano de 1945, ele descreveu um público que possui dificuldade em estabelecer uma relação física e intelectual com outras pessoas com TEA precoce (Kanner, 1943).

O diagnóstico do TEA é um processo complexo, o qual necessita da colaboração de uma equipe de profissionais tais como neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Segundo o site da Secretaria da Saúde do Governo do Estado de Paraná (2019), a identificação de uma pessoa autista pode se dar por sinalizações como: dificuldade para interagir socialmente, dificuldade em manter o contato visual, identificar expressões faciais e compreender gestos comunicativos, expressar as próprias emoções e fazer interação social; dificuldade na comunicação, caracterizado por uso repetitivo da linguagem e dificuldade para iniciar e manter um diálogo; alterações comportamentais, como manias, apego excessivo a rotinas, ações repetitivas, interesse intenso em coisas específicas e dificuldade de imaginação.

Assim, pode-se dizer que, por meio desse panorama, a identificação prévia do TEA é de extrema importância, pois pode garantir a facilidade ao acesso e utilização de serviços e atendimentos com qualidade nos serviços públicos e instituições, a exemplo das bibliotecas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é um procedimento e um instrumento fundamental em uma pesquisa, cujo objetivo é organizar e validar todo e qualquer conhecimento adquirido em uma investigação. Segundo Pereira (2018, p. 3):

[...] a ideia dos trabalhos científicos surgiu a partir da necessidade imposta pela competitividade no campo de trabalho, que exige do homem reflexão, capacidade de expor suas ideias e principalmente habilidade para compor suas propostas ou mesmo seus projetos vinculados ao seu cotidiano comunitário e profissional [...].

Assim, fica claro que conhecer as bases metodológicas é fundamental para a execução e detalhamento das principais ideias em um trabalho acadêmico, onde o método científico no contexto acadêmico tem função de extrema importância. Dessa forma, Gil (2008, p. 8) frisa que o método científico é “como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

A pesquisa foi realizada em duas etapas, sendo a primeira a pesquisa bibliográfica, com a finalidade de nortear as questões levantadas por meio de observações através de leitura seletiva em artigos, periódicos, livros e *internet* e revisão da literatura da área da Biblioteconomia, para identificar estudos realizados por autores voltados à mediação da informação dedicada à inclusão do público TEA.

Assim, a abordagem deste trabalho é qualitativa com levantamento bibliográfico, pois segundo Gil (2012, p. 50), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Sabendo disso, fica claro que o levantamento bibliográfico é elaborado por meio de uma apuração e pesquisa seletiva em bases de dados, tais como: Scielo, Portal de Periódicos Capes e filtradas por meio de duas ferramentas sendo elas: palavras-chaves e operadores booleanos, representados pelas siglas em inglês AND, NOT, OR.

Já a segunda etapa foi desenvolvida por meio da técnica de aplicação do

questionário, que serviu de base para o estudo, contendo uma série de perguntas relacionadas ao público do TEA e voltadas para os mediadores da informação.

Segundo o levantamento do Núcleo de Acessibilidade e Educação Inclusiva (Naedi), em fevereiro de 2024, o Instituto Federal de Sergipe possui setenta e sete (77) estudantes com deficiência, apenas três (3) desses alunos possuem o Transtorno do Espectro Autista no Campus de Aracaju. O setor responsável pelo assessoramento, planejamento e execução de políticas voltadas para Pessoas com Necessidades Específicas (PNE) é o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne), em junção com a Biblioteca Augusto César Leite do Instituto Federal de Sergipe - Campus Aracaju, são peças fundamentais no processo de coleta e informação sobre o público TEA que frequenta a unidade de informação mencionada.

A coleta de dados da população analisada foi realizada no Instituto Federal de Sergipe (IFS), mais especificamente na Biblioteca Augusto Cesar Leite.

O questionário (Apêndice A) foi a ferramenta principal de coleta de dados sobre a temática de pesquisa “A mediação da Informação e Inclusão do público do Transtorno do Espectro Autista em bibliotecas”. O questionário foi desenvolvido com a finalidade de extrair informações por meio de opiniões, relatos de profissionais da área da Biblioteconomia que trabalham com o público que possui o Transtorno do Espectro Autista na unidade de informação estudada e que exercem a sua função como mediadores da informação.

A criação do questionário foi baseada em 4 (quatro) critérios de avaliação: objetivo da temática da pesquisa; público-alvo; construção e desenvolvimento das perguntas; critérios de avaliação.

O questionário foi criado na Plataforma *Google Forms* e enviado aos bibliotecários da Biblioteca Augusto Cesar Leite, situada no (IFS), campus Aracaju, num total de 3 bibliotecárias e 1 auxiliar de biblioteca. Os dados coletados foram analisados a partir da elaboração de gráficos com o apoio do Excel.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem aconteceu de forma virtual, por meio de identificação dos contatos existentes e, em seguida, foi enviada mensagem via *whatsapp* informando sobre

o envio do questionário e convidando para a participação na pesquisa. Os questionários foram respondidos entre os dias 13/03/2025 e 16/03/2025. A partir da aplicação do questionário junto aos mediadores da informação foi possível coletar informações sobre os profissionais, como apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Detalhamento do quantitativo, das funções e gênero dos participantes da pesquisa

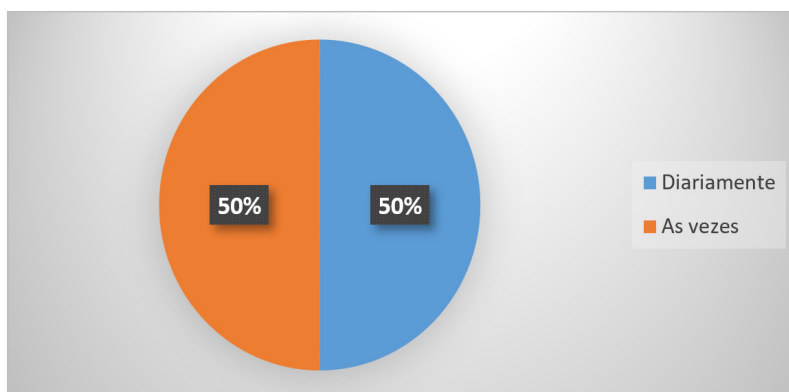
Função que exerce	Gênero
Auxiliar de biblioteca (1)	Feminino
Bibliotecária (3)	Feminino

Fonte: Elaboração própria (2025).

De acordo com os dados obtidos pode-se perceber que, com a porcentagem de 100%, o público total é do gênero feminino. O fato de haver bibliotecárias atuando na biblioteca estudada é um fator positivo, pois essas profissionais detêm o conhecimento necessário para o trabalho com os usuários e, dentre eles, com os que possuem (TEA). Então, como categoria de pesquisa, a área da Biblioteconomia é predominantemente ocupada pelo gênero feminino, pois, como afirma Pires (2016, p.115) “Refletir sobre a constituição da profissão bibliotecária sob a perspectiva de gênero torna-se fundamental para a compreensão do local que a Biblioteconomia ocupa na sociedade, sendo a profissão bibliotecária formada em sua grande maioria por mulheres”.

O gráfico 1 apresenta a frequência com a qual os mediadores da informação atendem ao público com o Transtorno do Espectro Autista em sua biblioteca, por haver um público de baixa quantidade.

Gráfico 1- Com qual frequência você costuma atender e receber alunos que possuem o transtorno do Espectro Autista?

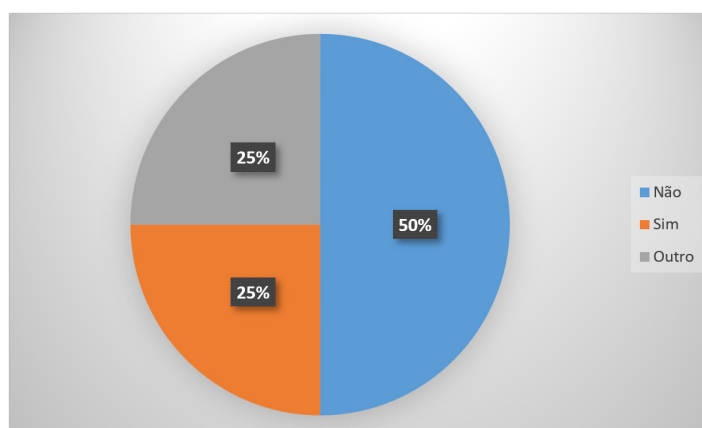


Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Observa-se com os dados, um percentual parcial de resultados, por ser um público pequeno obteve-se na frequência dos atendimentos 50% que atendem diariamente e outros 50% que as vezes atendem os usuários com TEA.

A próxima pergunta se refere ao nível de preparação dos mediadores da informação para atender ao público TEA, além de explorar a abordagem relacionada ao atendimento (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Como mediador da informação você se sente preparado e capacitado profissionalmente ao atender o público TEA? Se sim, como você lida com as abordagens de atendimento?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

De acordo com o Gráfico 2, a maioria dos mediadores não se sente preparada profissionalmente para atender ao público TEA, pelos seguintes fatores:

1. Não possui condições analíticas na identificação do usuário que possui o TEA.
2. Não possui treinamento profissional para atender o público TEA.
3. Pedido de investimento em condições boas no momento de oferecer um melhor atendimento para o público TEA.
4. O atendimento ao público TEA acontece com o auxílio de orientações das psicólogas que realizam reuniões de alinhamento, no entanto sem orientações de um profissional da área da Psicologia, o sentimento gerado por falta de preparação é de insegurança no atendimento a esse público.

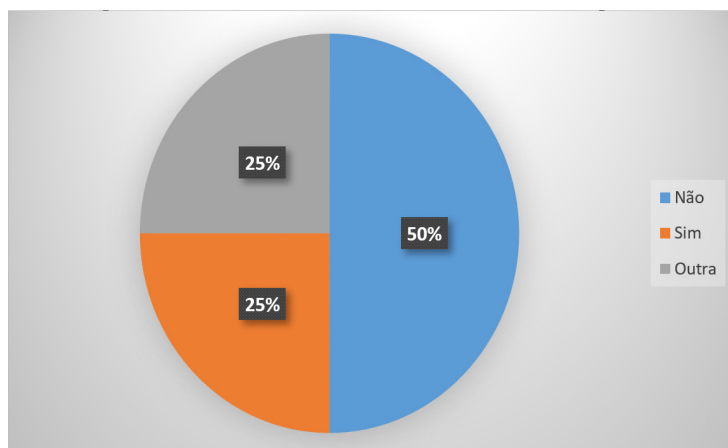
Portanto, de acordo com o gráfico 2 a porcentagem referente aos 25 % nomeado com a palavra "Outro" é referente ao mediador que necessita do auxílio em reuniões, orientações e alinhamento junto dos psicólogos da instituição que trabalha.

O Documento Subsidiário da Política de Inclusão (Poulon; Freitas; Pinho, 2005, p. 25) reforça que: "a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais produz impasses no cotidiano escolar que exigem um constante repensar das práticas pedagógicas é importante a análise de alguns aspectos do contexto atual da inclusão no país".

Em síntese, é importante notar que, para a inclusão do público que possui o Transtorno do Espectro Autista, é necessário apoio para o desenvolvimento das necessidades educacionais, no entanto, a pesquisa evidenciou a falta de preparo e capacitação profissional para receber o público TEA nas unidades de informação.

O gráfico 3 demonstra o questionamento aos profissionais sobre a utilização de recursos para um melhor atendimento e recepção do público do TEA.

Gráfico 3 - Você utiliza algum recurso no momento de acolhimento e recepção do público TEA nas suas visitas à biblioteca? Se sim, qual?



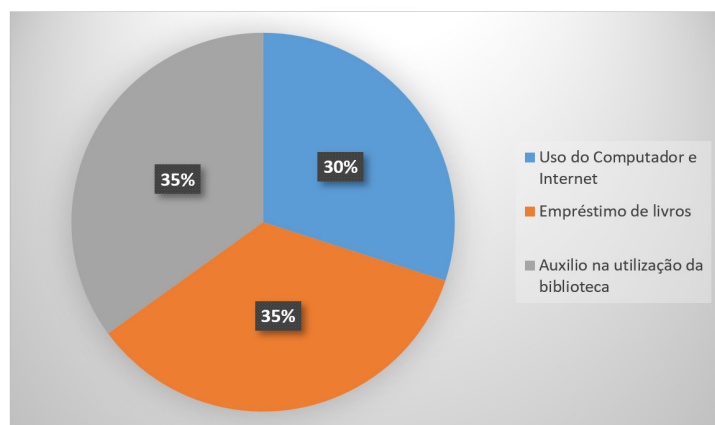
Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

De acordo com o gráfico 3, obteve-se 50% de resultado na alternativa “não”, para quem utiliza recursos ou ferramentas para lidar com o público TEA quando chega à biblioteca. Já 25% informaram que os estudantes TEA são acompanhados por monitores durante as visitas e 25% disse usar uma linguagem simples, a qual respeita o espaço do usuário com TEA.

De acordo com Almeida Júnior (2013, p. 15), “[...] o espaço onde se dá a relação entre a informação e o interesse do Usuário [...] é o momento em que se procura satisfazer as necessidades informacionais do usuário, enfim, é quando todo o trabalho da biblioteca se completa”. Em síntese, os serviços e recursos oferecidos pelos bibliotecários devem atender as necessidades do público TEA, além de oferecer serviço informacional com qualidade.

Também se indagou sobre os tipos de serviços e atividades prestados pelos bibliotecários (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Quais atividades e serviços mais utilizados pelo público TEA na biblioteca?

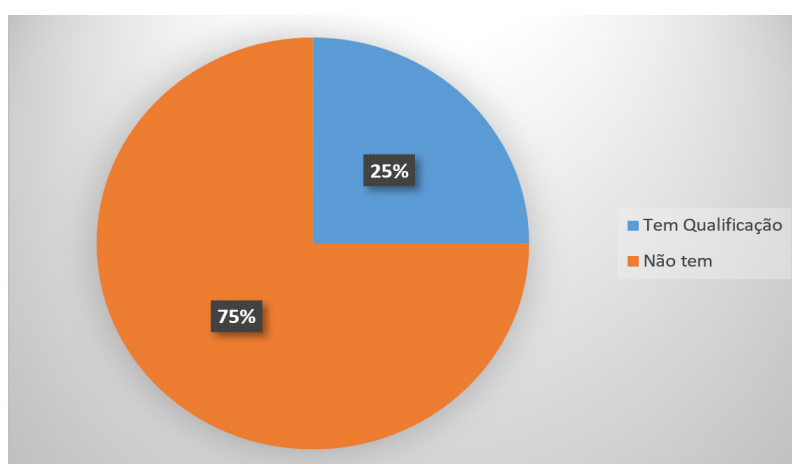


Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

De acordo com o gráfico 4, pode-se observar que a maioria dos usuários TEA da biblioteca estudada a utiliza mais para o empréstimo de livros e para obter auxílio do bibliotecário, o que confirma a importância desse espaço para o público TEA da instituição.

A pergunta seguinte indagou se os profissionais possuem cursos ou têm capacitação profissional para atenderem ao público que possui o Transtorno do Espectro Autista (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Como bibliotecário ou mediador da informação você possui alguma capacitação profissionalizante para atender o público TEA de forma inclusiva na biblioteca?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

O gráfico 5 mostra que apenas 25% têm ou participaram de palestras e orientações

para adquirir mais qualificação ou já possuem, para lidar com o público TEA na biblioteca. A grande maioria dos participantes não tem nenhuma capacitação. Dessa forma, observa-se que há uma insipiência grande no investimento da formação dos mediadores da informação para atenderem ao público TEA, sendo 70% dos entrevistados que não tem capacitação.

O questionário trouxe a pergunta com resposta discursiva sobre a importância das bibliotecas junto ao público TEA. Com base nas respostas do questionário, 100% dos participantes concordam que a biblioteca tem influência no aprendizado do público TEA, no qual descrevem como uma experiência única de acesso ao conhecimento, estímulos de adaptação a esse público e como uma unidade informacional tem o dever de incluir o público com TEA para uma boa construção de uma formação que possa agregar o seu futuro. Vale listar quais são as influências positivas apresentadas pelos participantes que, na visão deles, podem agregar no processo de formação de conhecimento na vida do público TEA.

1. Estímulos adaptáveis como; livros físicos, áudio livros e a multimídia.
2. Espaço democrático que possui na teoria e prática a inclusão do público TEA.

Também se perguntou sobre a opinião dos entrevistados quanto ao recurso informacional que necessita de melhorias para influenciar no processo de inclusão do público TEA. De acordo com os entrevistados, 25% acreditam que o contato com o público TEA deveria ser mais adequado, de forma a garantir um melhor direcionamento ao conhecimento. Já para outros 25% é preciso haver um local especializado, que seja mais interativo e silencioso e que realmente possa atender e incluir esse público. Outros 25% acreditam que é importante investir em Treinamento e capacitação dos mediadores da informação, pois foi confirmado no gráfico 5 que 75% dos entrevistados não tem capacitação para o atendimento do público TEA. E, por fim, 25% informam que seria interessante mais grupos focais e reuniões para um melhor atendimento.

Portanto, deve haver um olhar crítico na questão da ampliação do espaço físico para estudo e de matérias como livros que despertem atenção do público que possuem o Transtorno do Espectro Autista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo pode-se concluir que a identificação e a observação sobre as funções exercidas pelos profissionais que ocupam o cargo de bibliotecário ou de auxiliar de biblioteca nas unidades de informação são fatores positivos no processo de contribuição do aprendizado e da apropriação da informação pelo público do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além dessas afirmações, fica evidente que, para o fornecimento do atendimento de qualidade para o referido público, é necessário possuir as competências de um mediador da informação.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, objetivou-se investigar e identificar as dificuldades que os bibliotecários enfrentam ao atenderem o público do TEA, a fim de utilizar a mediação da informação para diminuir as barreiras e contribuir na facilitação e apropriação da informação para este público.

Observou-se que, apesar das poucas respostas ao questionário, os relatos tiveram um impacto positivo e significativo nas respostas, possibilitando entender na prática a problematização da pesquisa. A análise feita identificou intervenções que os mediadores encontram ao atenderem e incluem o público do TEA por meio dos serviços e ações oferecidos.

Destaca-se a dificuldade em identificar se o usuário possui o Transtorno do Espectro Autista e a falta de capacitação profissional para os mediadores da informação como os principais pontos a serem destacados e discutidos. Por conta disso, alguns atendimentos acontecem com o auxílio e orientação das psicólogas da própria instituição em que a unidade de informação está inserida.

A partir desta investigação, os resultados desta pesquisa demonstram a inexistência de capacitação profissional para os mediadores da informação, como também a ausência de projetos e ações que trabalhem a prática da inclusão, por meio do fornecimento de informações específicas de qualidade que possam ajudar o público do Transtorno do Espectro Autista a alcançar bons resultados. Ficando como sugestão documentos de orientação, especialização e cursos de formação continuada como propostas para mudar a realidade institucional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina: Edue, 2013.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **CI. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan. /dez. 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/17/39>. Acesso em: 11 out. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

ARAÚJO, L. A. **Transtorno do Espectro Autista**. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. n. 5, abr. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

BLEULER, E. **Dementia praecox or the group of Schizophrenias**. Leipzig, Alemanha: Deuticke, 1911. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3080676/>. Acesso em: 20 mar.2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 11 out. 2024.

CAMPOS, M. L. A. As Cinco Leis da Biblioteconomia e o exercício profissional. **BITI**, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://www.conexaorio.com/bitl/mluiza/index.htm>. Acesso em: 2 out. 2024.

CASADO, E. S. Manual de estudios de usuários. Madrid: **Fundación Germán Sánchez Ruipérez**, 1994. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=45663>. Acesso em: 12 out. 2024.

COLA, C. *et. al.* Hipersensibilidade sensório-perceptual que acomete autistas descrita na literatura e observada no Centro de Atendimento Clínico de Itaperuna (CACI): um estudo comparativo. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, v. 3, n. 2, p. 74-84, jul./dez. 2017.

DUARTE, E. A.; BRAGA, R. M. O. A comunicação organizacional em unidades de informação. **Informação & Informação**, v. 3, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/33542>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ICD-11. **For mortality and morbidity statistics**, Version: 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/lm/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2ficd%2fentity%2f>. Acesso em: 01 mar. 2025.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. In: The nervous child. **Baltimore**: Child Care Publication, 1943. Acesso em: 11 out. 2024.

MACEDO, S. M. S.; ORTEGA, C. D. Unidades de informação: termos e características para uma diversidade de ambientes de informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 326–347, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/84821>. Acesso em: 10 abr. 2025.

OLIVEIRA, M. P. D. A. **Estudo do comportamento de busca e uso da informação dos usuários da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Orientadora: Geraldo Ribas Machado. 2013. 120f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/88825>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PEREIRA, J. M. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

PINTO, F. S. **Estudos de usuários da Biblioteca Setorial do Instituto de Natureza e Cultura (INC)**. Orientadora: Magda Teixeira Chagas. 2016. 109f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,

2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174293>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PIRES, H. A. C. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino**. Orientadora: Lígia Maria Moreira Dumont. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE6MYV>. Acesso em: 07 abr. 2025.

POULON, S. M.; FREITAS, L. B. L.; PINHO, G. S. **Documento Subsidiário à política de Inclusão**. Ministério da Educação. Secretária de educação Especial, Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaideinclusao.pdf>. Acesso em: 22 mar.2025.

RANGANATHAN, S. R. **As Cinco Leis da Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

RASTELI, A. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Orientadora: Lídia Eugênia Cavalcante. 2013. 169f. Dissertação (Mestrado Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93717>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ROMANI, C.; BORSZCZ, I. (org.). **Unidades de informação: conceitos e competências**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

SANCHES, G. A. R.; RIO, S. F. Mediação da Informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42323>. Acesso em: 11 out. 2024.

SANTOS, R. K.; VIEIRA, A. M. E. C. S. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Periódicos UFERSA**, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, v. 3, n. 1, 2017.

SOUSA, M. E. P.; TARGINO, M. G. Cinco Leis da Biblioteconomia / Cinco Leis de Ranganathan: resistindo bravamente ao tempo. **Ciência da Informação em Revista**,

[S. l.], v. 3, n. 1, p. 11–29, 2016. DOI: 10.28998/cirev.%y311-29. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/2334>. Acesso em: 11 out. 2024.

TARAPANOFF, K; ARAÚJO JÚNIOR, R.H; CORMIER, P, M, J. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. **Ci.Inf**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/gDKsspB85XygDsW7wwNDmJM/?format=pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

TRANSTORNO DO ESPETRO AUTISTA (TEA). Site da Secretaria da Saúde do Governo do Paraná, 2019. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA>. Acesso em: 10 out. 2024.

WEITZEN, H. S. **O poder da informação**. São Paulo: Makron Books, 1991.

APÊNDICE A – Questionário 1

QUESTIONÁRIO

Mediação da informação e a inclusão do público do transtorno espectro autista em bibliotecas.

Sou estudante do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe e estou desenvolvendo a pesquisa intitulada **MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A INCLUSÃO DO PÚBLICO DO TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA EM BIBLIOTECAS**, que tem como objetivo geral Identificar as dificuldades que o público do Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrenta ao buscar informação em unidades de informação, a fim de utilizar a mediação da informação para diminuir essas dificuldades. A pesquisa faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Assim, convido você a preencher este formulário para contribuir com a pesquisa que estou desenvolvendo.

1. Qual cargo ou função você exerce na Biblioteca?
2. Qual é o seu gênero?
3. Com qual frequência você costuma atender e receber alunos que possuem o Transtorno do Espectro Autista?
4. Como mediador da informação, você se sente preparado e capacitado profissionalmente ao atender o público com TEA? Se sim, como você lida com as abordagens e atendimento?
5. Você utiliza algum recurso no momento de acolhimento e recepção do público do TEA nas suas visitas à biblioteca? Se sim, qual?
6. Quais atividades e serviços mais utilizados pelo público do TEA na biblioteca?
7. Como bibliotecário, você costuma realizar ações em sua biblioteca que torne o público do TEA incluído?
8. Como bibliotecário ou mediador da informação você possui alguma capacitação profissionalizante para atender o público do TEA de forma inclusiva na biblioteca?
9. Você acha que as bibliotecas são importantes para o desenvolvimento e formação dos seus conhecimentos do público do TEA? Se sim, como?
10. Na sua opinião, qual recurso informacional que você acha que precisa ser desenvolvido para trazer melhorias no processamento de inclusão do público do TEA nas bibliotecas?